

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT
7 e 10 de Novembro de 2023

LA FACE NORD DU CAMEMBERT / 1985

um filme de Nicolas Philibert

Realização: Nicolas Philibert. Fotografia (35 mm): Claude Michaud. Som (mono): Olivier Schwob. Montagem: Marie-Catherine Miqueau. Música original: André Giroud. Com: Christopher Profit, Pascal Pistaccio.

Produção: Les Films d'Ici (França, 1985). Co-produção: Hamster productions. Cópia: ficheiro digital (correspondente a DCP 2K), cor, 8 minutos, com legendas electrónicas em português. Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.

LE COMEBACK DE BAQUET / 1988

um filme de Nicolas Philibert

Realização: Nicolas Philibert. Fotografia (35 mm): Laurent Chevallier, Denis Ducroz. Som (mono): Olivier Schwob, Bernard Prud'homme. Montagem: Marie Quinton. Mistura: Julien Cloquet. Excertos dos filmes *Etoiles* e *Tempêtes* de Gaston Rebuffat. Com: Maurice Baquet, Christopher Profit.

Produção: Les Films d'Ici, Antenne 2 (França, 1988). Direcção de produção: Françoise Buraux. Produtor delegado: Yves Jeanneau. Colaboração: Michel Arrizi, Richard Bozon, Frédéric Folliguet. Cópia: ficheiro digital, preto-e-branco e cor, 24 minutos, com legendas electrónicas em português. Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.

TRILOGIE POUR UN HOMME SEUL / 1987

um filme de Nicolas Philibert

Realização: Nicolas Philibert. Fotografia (16 mm): Laurent Chevallier, Denis Ducroz, Olivier Guéneau, Richard Copans. Som (mono): Olivier Schwob, Bernard Prud'homme, Freddy Loth. Montagem: Marie Quinton. Música original: André Giroud. Assistente de realização: Serge Lalou.

Produção: Les Films d'Ici, Antenne 2 (França, 1987). Directora de produção: Françoise Buraux. Produtor delegado: Yves Jeanneau. Cópia: ficheiro digital correspondente a DCP 2K), cor, 53 minutos, com legendas electrónicas em português. Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.

É uma bela “sessão montanhista”, a sessão de montanha de Nicolas Philibert, entre paisagem gelada, cores inverniais, contrastes de branco e pontos coloridos, escaladas épicas, música e momentos de silêncio. Como se fosse em *raccord* com a filmografia de montanha iniciada, nos Alpes, pelos pioneiros irmãos Lumière que, entre 1899 e 1900, integraram no seu catálogo títulos de escalada, neve, alpinismo, com a paisagem e os movimentos humanos coordenados com o movimento do cinematógrafo – *Chamonix: la mer de glace*, *Chamonix: montée à travers les glaciers*; *La mer de glace. Montée. La mer de glace. Descente* são algumas das vistas inaugurais que vêm ao espírito durante a projecção destes três filmes realizados em meados dos anos 1980, cerca de um século depois das escaladas Lumière. São três trabalhos iniciais de Philibert, que se estreara em *La Voix de son maître* (1978, co-realizado com Gérard Mordillat). *La Face nord du Camembert* é uma primeira realização a solo; *Le Comeback de Baquet* surge cinco filmes depois e é um primeiro filme amplamente premiado (Grande Prémio do Festival Neige et Glace, Autrans 1988; Prémio do Público, Festival Mondial de l'Image de Montagne, Antibs 1988; Melhor Mountainfilm Spirit, Mountain Film Festival de Telluride EUA 1989; Prémio Especial do Júri no Banff Mountain Film Festival Canadá 1989); também distinguido em festivais de cinema, *Trilogie pour un homme seul* regressa à personalidade retratada em filme anteriores, designadamente em *Christophe* (1985), que capta a ascensão em “solo integral” (sem corda ou outros dispositivos de segurança) dos 1100 metros de altitude do Monte Branco, nos Alpes.

Christophe Profit, nascido em Rouen em 1961, dezasseis anos antes de se pôr a escalar como modo de vida, é uma referência do montanhismo mundial. É ele o protagonista de vários Philibert do início, desde logo o soalheiro *La Face nord du Camembert* em que não estamos nas montanhas, mas na cidade, e em que é questão de alpinismo por razões de cinema. O humor saúda-se de começo, com o elenco de nomes da ficha técnica estampado nas lentes dos óculos de sol da série de rostos em grande plano que parecem funcionar como contracampo dos planos de azáfama de uma equipa de filmagens. É um filme urbano de paisagem urbana, um filme de escalada e bastidores de cinema: tal como formula a sinopse, as exigências de uma produção de ficção, *Billy ze Kick* (Gérard Mordillat, 1985), solicitam a participação do jovem alpinista como duplo de um jovem actor, tendo ele de escalar a fachada lisa de um edifício de 60 metros de altura sem recurso a meios artificiosos. Só contando consigo. O cartão de fundo vermelho esclarece no último plano: “a primeira subida da face norte do Camembert foi realizada a 1 de Julho de 1985 por Christophe Profit por ocasião da rodagem de *Billy_Ze_Kick*, de Gérard Mordillat. Nenhum outro alpinista se aventurou desde então.”

Philibert faz a crónica filmada, um filme de bastidores que joga com o actor e o seu duplo, de camisolas sem mangas vermelhas vestidos, um à imagem do outro, um como reflexo do outro; e naturalmente com o feito da insólita escalada na filmagem da insólita cena a integrar uma sequência de fuga e perseguição, que o actor descreve basicamente ao seu duplo antes de se remeter, ele, ao fora de campo. A concentração do alpinista antes do momento da cena, é o início da escalada que a banda sonora acompanha minimal-musical (com pouquíssimas falas, alguns silêncios e, num dos planos, uma respiração profunda) e a esquadria de planos em mudanças de perspectiva e escala, convocando o campo e o contracampo literal e simbólico. Como no literal e metafórico desfecho – planos gerais – em que a câmara capta a subida do homem sozinho na fachada a partir do cimo do edifício, no que parece uma inversão de pés e cabeça, alinhando essa vista geral com a vista reversa da sua própria presença. O jogo de espelhos anunciado nas duas lentes de pares diversos de óculos-de-sol intensifica-se, ou densifica-se, com os termos paralelos do alpinismo e do cinema.

Le Comeback de Baquet evoca uma memória e regista um regresso em tributo a um montanhista recém-desaparecido, Gaston Rébuffat (1921-1985), com quem, em Julho de 1956, o actor e violoncelista Maurice Baquet (1911-2005) fez a primeira subida da magnífica encosta sul da rochosa-vermelha Aiguille du Midi, 3842 metros de altitude, no maciço do Monte Branco, região de Chamonix. “32 anos mais tarde...” Maurice Baquet, acompanhado do seu violoncelo, volta a escalar a montanha, amarrado a Christophe Profit, que pouco tempo antes, em 1987, havia subido os Alpes numa sequência de três subidas (o feito documentado em *Trilogie pour un homme seul*). Philibert faz da crónica desta escalada em homenagem a Rébuffat, o seu “último filme de aventuras”. Os dados são enunciados à partida por um *off* que acompanha as imagens fotográficas do protagonista ausente, falando de maravilhamento na natureza, da cumplicidade de um Dom Quixote e de um Sancho Pança. Da série de filmes com Christophe Profit, terá sido o único que o realizador iniciou – lê-se num texto de Barbara Levendenguer (publicado no catálogo *Visions du réel* 2005), que sintetiza outras evidências: “O mundo do cineasta é claramente identificável: um gosto pronunciado pelo cómico e por situações encenadas [a falta de jeito de Maurice Baquet é um bom aliado] mas também um inabalável sentido de partilha e solidariedade.” São elementos que saltam à vista, a fotogenia da paisagem, o calor humano da travessia feita de silêncios e de música, e notoriamente a imagem da corda que liga os corpos, propósitos, o *ali e agora*, o *ali e então*, a ligação dos presentes, uma ligação a uma ausência como a um tempo ido, a vitalidade do empreendimento, a suspensão que ronda à volta, elevando os espíritos até às notas de Bach em altitude e a céu aberto.

Trilogie pour un homme seul é como o título anuncia nas entrelinhas – o terceiro filme de Philibert com Christophe Profit, o filme do *retrato do montanhista*, que a 12 e 13 de Março de 1987, aos vinte e seis anos, protagonizou o acontecimento de uma sequência encadeada de subidas às três encostas norte dos Alpes (Grandes Jorasses, Eiger, Cervin). Documentando o feito, a sua preparação e cumprimento, o filme traça o retrato da personalidade do autor, um “bailarino das verticais, que concentra na ponta dos dedos a energia e os reflexos da própria vida”. A imagem do ballet na vertical, recorrente numa série de textos sobre o filme, é

poderosa e efectivamente justa. A imponência da montanha, a imensidão da paisagem, a solidão da figura humana que vem habitá-la e à sua vertigem planando nela no contemplativo final, a passagem de uma noite de perigo e suspense, como tais filmados, e a ligação de dois seres, um casal que comunica via rádio, durante essa noite gelada, o cansaço e a superação, são a matéria do filme de Philibert. “Está lá tudo. A crónica de uma paixão, a crónica de uma obsessão, a aventura de um casal, o retrato de uma solidão e a observação do grande circo mediático.” Acertava a *Montagnes Magazine*, em Julho de 1987.

Trilogie pour un homme seul é um filme historicamente importante, para lá da história de aventura e exploração protagonizada por Profit como um verdadeiro acontecimento. A produção faz-se com três equipas de rodagem, dez mil metros de película e quinze horas de filmagens em helicóptero que registam preparativos e acompanham a escalada, na encosta e no cume da montanha, bem como o suspense dessa severa noite de 12 para 13 de Novembro, na encosta do Eiger, que pôs Profit especialmente à prova com a intensidade do frio, avarias, riscos. Num texto disponível na sua página pessoal no mundo virtual da Internet, Nicolas Philibert conta o que lhe interessou neste projecto, na sequência da ressonância de *Christophe* “no pequeno mundo do cinema de montanha” que o havia distinguido com prémios em festivais especializados e compras por estações televisivas. É aí que explica o feito filmado no contexto de um interesse efervescente pela actividade de montanha: era a época do conceito, novo, da escalada “encadeada”, uma vez que todos os picos dos Alpes haviam sido já escalados; a perspectiva da escalada múltipla em “solo integral”, ou seja, solitária, sem corda nem outro equipamento de protecção, e com o desfecho particular de uma descida ao vale em parapente surgia como o desafio a ultrapassar; Christophe Profit, que desde 1982 realizava escaladas surpreendentes, estava em boa posição para o cumprir.

Nicolas Philibert propõe-se realizar um filme que a documente em tempo real. “Em Janeiro de 1987, reúno-me com Christophe em sua casa em Chamonix. Encontro-o plenamente concentrado no projecto, preparando-se com grande minúcia, apoiado por Sylviane [a sua mulher]. Regime alimentar estrito, treino quotidiano: escalada, esqui, acrobacias no gelo, corrida... Dezoito meses antes, já ‘encadeara’ uma primeira vez estas três encostas míticas – em vinte e quatro horas – mas tinha sido no Verão, era portanto mais ‘fácil’. Tudo é relativo! Desta vez pensa levar umas quarenta horas. [...] O Christophe expõe-me em pormenor o percurso recorrendo a fotografias e mapas. [...] Aparentemente simples, a organização do projecto é-o menos do que parece, designadamente por causa de obscuros motivos jurídicos: em princípio um helicóptero francês não tem direito de sobrevoar o território suíço... e inversamente. Quanto à rodagem propriamente dita, é um verdadeiro quebra-cabeças! Trajectos de automóvel, rotações em helicóptero, passagens na fronteira com o material de cinema, mudanças de bobines de película nas câmaras [...] um orçamento à altura.” Mais as dificuldades associadas ao frio, à alimentação eléctrica, imponderáveis meteorológicos, a cobertura do acontecimento pelas televisões e outros órgãos de comunicação. “É a primeira vez que um alpinista vai escalar ‘em directo’. Estamos a entrar numa nova era. Afastado do circo mediático durante muito tempo, o alpinismo vai sucumbir-lhe e é também isso que tenho a intenção de filmar.” E filma.

Maria João Madeira